

Títulos da dívida sobem em Londres com otimismo dos bancos privados

por Celso Pinto
de Londres

Os títulos da dívida brasileira ganharam firme terreno em Londres, na sexta-feira. A razão para a alta, contudo, esteve menos ligada às mudanças ministeriais no Brasil do que à convicção de alguns no mercado de que o Fundo Monetário Internacional (FMI) deverá aprovar o programa com o País.

As alterações políticas, além de não terem afetado diretamente os ministérios econômicos, eram largamente desconhecidas pelo mercado na sexta-feira. A perspectiva de um acordo com o Fundo, ao contrário, esteve no centro das preocupações. Executivos de três instituições financeiras na City de Londres, consultados por este jornal, trabalhavam com o mesmo cenário otimista em relação ao FMI.

Um deles ouviu de uma fonte qualificada do Departamento de Estado norte-americano a disposição de Washington de apoiar o Brasil na reunião do "board" do Fundo, marcada para quarta-feira. Sabe-se que há resistência contra o programa brasileiro tanto por parte do diretor britânico quanto do diretor alemão no Fundo, além de reservas em parte do "staff" técnico.

No entanto, tanto os americanos quanto outros países acham que deve haver um apoio ao Brasil e à direção das mudanças feitas pela atual equipe econômica.

Existe, também, um claro interesse em que o Brasil regularize sua situação com os bancos privados credores, o que é um impulso político adicional em favor do acordo.

As dúvidas dos britânicos e alemães no Fundo sobre o acordo com o Brasil são, na verdade, compartilhadas por muitos. O próprio Banco Mundial (BIRD) via o programa com o Fundo com reservas, por considerá-lo insuficiente do ponto de vista fiscal e excessivamente apoiado na política monetária. O fato de que uma missão de alto nível do BIRD no Brasil fez, na semana passada, declarações firmes de

apoio ao País e ao programa do Fundo é uma boa indicação da direção em que a questão tem caminhado.

MYDFA

Como reflexo desse sentimento de que o Brasil poderá fechar um acordo com o FMI, o valor da dívida brasileira no mercado secundário (MYDFA) subiu quase 2 centavos por dólar em Londres na sexta-feira. No fechamento das negociações em Nova York, na quinta-feira, o MYDFA estava cotado entre 30,897 e 31,125 centavos por dólar. No final da tarde de sexta-feira, em Londres, o papel já trocava de mãos a algo entre 32,5 e 32,75 centavos por dólar.

Menos claro, por enquanto, é o futuro das negociações com os bancos credores privados. Um grupo de bancos, liderados, segundo uma fonte, pelos bancos alemães e pelo norte-americano Citibank, está pressionando para que o Brasil faça uma espécie de acordo interino com os bancos neste ano, acertando os atrasados de 1991 e criando um quadro institucional nas relações.

O acordo final, contudo, só seria feito no próximo ano, depois de se ter um panorama mais claro dos resultados do programa de ajuste e quando fosse possível ao Brasil negociar um acordo ampliado com o FMI (que exige pelo menos um semestre de acordo "stand-by" cumprido). Apenas um acordo ampliado com o Fundo permitiria a negociação de recursos com o Japão. O dinheiro adicional do Fundo e dos japoneses, por sua vez, viabilizaria que o Brasil oferecesse garantias mais amplas nos bônus que emitiria em troca da dívida antiga, na negociação com os bancos.

O governo brasileiro tem sido frontalmente contrário a esta idéia e quer fazer um acordo definitivo, já, com os bancos. Vários bancos têm uma abordagem mais pragmática do que a dos alemães e estão mais dispostos a encontrar uma forma de chegar a um acordo rapidamente. O próprio Citibank, nota um banqueiro, tem sido mais flexível nas discussões no comitê de bancos do que em suas conversas com os bancos alemães. A questão

das garantias aos novos bônus, contudo, continua sendo um ponto complicado em aberto.

Uma das vantagens da atual equipe econômica é que, como diz um banqueiro, ela tem dado a impressão de estar realmente disposta a negociar um acordo.

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, vai reafirmar isso numa viagem que deverá fazer à Europa no início de fevereiro. Ele deverá ir a Davos, na Suíça, a Milão, a Paris e a Londres.

Uma das escalas mais importantes será a de Paris, onde ele conversará com o responsável pela negociação das dívidas oficiais no Clube de Paris, Jean Claude Trichet. O Clube de Paris quer que o Brasil pague parte dos atrasados, a exemplo do que está fazendo com os credores privados. O Brasil e os bancos privados querem que o Clube de Paris renegocie todos os atrasados. Se isso não for possível, afetará o montante de recursos disponíveis para os bancos privados e, portanto, os termos de um acordo com eles.